

**ESCOLA SUPERIOR SÃO FRANCISCO DE ASSIS - ESFA
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MARILSON DA COSTA SIMÕES
RAFAEL FREISLEBEM GOMES
RONALDO CESAR SANTOS DE OLIVEIRA**

**ATIVIDADES CIRCENSES: LIMITES E POSSIBILIDADES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**SANTA TERESA
2008**

**MARILSON DA COSTA SIMÕES
RAFAEL FREISLEBEM GOMES
RONALDO CESAR SANTOS DE OLIVEIRA**

**ATIVIDADES CIRCENSES: LIMITES E POSSIBILIDADES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia, no formato artigo, apresentado à Escola Superior São Francisco de Assis, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Educação Física.
Orientador: Ms. Kefren Calegari dos Santos

**SANTA TERESA
2008**

**MARILSON DA COSTA SIMÕES
RAFAEL FREISLEBEM GOMES
RONALDO CESAR SANTOS DE OLIVEIRA**

**ATIVIDADES CIRCENSES: LIMITES E POSSIBILIDADES NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato artigo, apresentado à Escola Superior São Francisco de Assis, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Educação Física.

Aprovado em 13 de novembro de 2008

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o. Ms. Kefren Calegari dos Santos
Escola Superior São Francisco de Assis
Orientador

Prof^a. Ms. Rosely Maria da Silva Pires
Escola Superior São Francisco de Assis

Prof^o. Esp. Josué Samora de Sousa
Escola Superior São Francisco de Assis

A todos os profissionais da área que não perderam durante o tempo de trabalho a capacidade de fazer da educação física uma área de conhecimento, criatividade, ludicidade, autonomia e arte.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pela graça e fonte de toda a sabedoria, a qual nos cumula de virtudes talentos e amor, razão de nossa existência e felicidade.

Aos nossos familiares pelo amor, afeto, dedicação e investimento ao longo de nossas vidas e principalmente durante a Graduação.

Aos nossos amigos pelo companheirismo, o qual foi salutar em muitos momentos.

Às nossas namoradas pela paciência, carinho e apoio.

Aos colegas de turma pelas relações construtivas em nossa formação acadêmica.

Ao mestre e nosso orientador Kefren Calegari dos Santos, pelos ensinamentos e pelo estímulo os quais nos oportunizou uma ampla visão profissional e pelos motivos que desencadearam nossa busca e produção de saberes/conhecimentos.

Aos professores da ESFA, pela atenção, respeito, discussões, produção e reprodução do conhecimento. Enfim, pelo ensino de qualidade a nós ofertado.

À professora Gisele Rosa Felipe que nos permitiu a investigação desta temática durante do Estágio Supervisionado III e IV e pelas trocas de saberes.

E a todos que direta ou indiretamente nos contribuíram nesta produção científica.

“Se acaso alguém me houvesse alertado o interesse, se antes de cada matéria lessem algum prefácio estimulante que me despertasse a inteligência, me oferecesse fantasias em lugar de fatos, me divertisse e me intrigasse com o malabarismo dos números, romantizasse mapas, desse-me um ponto de vista a respeito da História e me ensinasse a música da poesia, talvez eu tivesse sido um erudito.”

(Charlie Chaplin)

SUMÁRIO

O SHOW VAI COMEÇAR.....	08
CONTEXTO E CAMINHOS PARA INVESTIGAÇÃO.....	09
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLA.....	11
EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL.....	12
ATIVIDADES CIRCENSES COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	14
BREVE RELATO/REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA COM ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA.....	16
LIMITES E POSSIBILIDADES DAS ATIVIDADES CIRCENSES COMO CONTEÚDO DE ENSINO NAS AUKLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
RESITÊNCIA DOS ALUNOS A CONTEÚDOS “INOVADORES”: ATÉ ONDE?.....	21
ESCOLA: LUGAR DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE CULTURA.....	24
PRÁTICAS CORPORAIS “INOVADORAS”: POSSIBILIDADES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO ESCOLAR.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

ATIVIDADES CIRCENSES: LIMITES E POSSIBILIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marilson da Costa Simões
Rafael Freislebem Gomes
Ronaldo Cesar Santos de Oliveira¹
Kefren Calegari dos Santos²

RESUMO

Objetivou-se investigar os limites e as possibilidades no ensino das atividades circenses nas aulas de Educação Física Escolar, com as turmas da 6ª e 8ª séries da Escola São Francisco de Assis, em Santa Teresa – ES. Este trabalho é de natureza qualitativa, com objetivos exploratório/descritivo, servindo-se da pesquisa-ação. Questionou-se a resistência dos alunos a conteúdos “inovadores”, considerando a escola como lugar de reprodução/produção de cultura e as possibilidades do Estágio Supervisionado Escolar na produção de práticas corporais “inovadoras”: As atividades circenses foram bem aceitas e os limites são poucos ante as inúmeras possibilidades.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Cultura Corporal; Conteúdo de Ensino; Atividades Circenses.

ABSTRACT

The objective was to investigate the limits and possibilities in the teaching of circus activities in physical education school classes, with classes in 6th and 8th grades of St. Francis of Assisi School in Santa Teresa - ES. This work is of a qualitative nature, with goals exploratory / descriptive, serving up the action research. Questioned is the resistance of students to content "innovative", considering the school as a place to play / production of culture and the possibilities of the Stage School Supervised the production of body practices "innovative": The circus activities were well accepted and the limits are just before the many possibilities.

Key-words: Elementary Physical Education, Culture, Body, the Education Content, Activities Circus.

¹ Alunos do 8º período e concluintes do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Escola Superior São Francisco de Assis - ESFA.

² Professor orientador, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professor do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Escola Superior São Francisco de Assis - ESFA e Técnico em Assuntos Educacionais do CEFET-ES.

O SHOW VAI COMEÇAR

Senhoras e senhores! Orgulhosamente apresentamos um dos maiores espetáculos da escola! Com vocês as atividades circenses!

No presente trabalho, dissertaremos sobre as atividades circenses, buscando compreendê-las como possível conteúdo do componente curricular da Educação Física (EF) Escolar, uma vez que a tematização de atividades particulares ao circo para este ambiente pode oportunizar diversos saberes da cultura corporal.

O interesse desta pesquisa surgiu das vivências num Curso de Extensão de Atividade Circense e Ginástica Geral, direcionado aos acadêmicos do curso de EF da Escola São Francisco de Assis (ESFA), em Santa Teresa – ES, no ano de 2007. Logo percebemos uma ótima possibilidade de tratarmos este conteúdo nas aulas de EF, de forma a incorporá-lo ao conjunto de práticas pedagógicas da escola, sistematizando estes conhecimentos e saberes em forma de ensino.

A literatura nos aponta que as atividades circenses são um conteúdo bastante interessante e empolgante de ser trabalhado nas aulas de EF (DUPRAT, 2007; BORTOLETO; DUPRAT, 2007; BORTOLETO; MACHADO, 2003). No entanto percebemos que tais atividades são pouco exploradas no âmbito escolar. Desse modo surgiu o desejo de investigar quais os limites e as possibilidades do seu ensino nas aulas de EF Escolar.

Podemos dizer que as atividades circenses envolvem e encantam crianças, adolescentes, jovens e adultos, constituindo assim um diferencial que pode ser incorporado aos conteúdos da EF escolar. Portanto, esta pesquisa constitui uma proposta muito importante, pois se torna uma oportunidade de investigar, apresentar e discutir a possibilidade da incorporação destas atividades como conteúdo nas aulas de EF. Por conseguinte, este trabalho produz discussões, resultados, conhecimentos que lançam pistas para professores da área que desejam o desenvolvimento deste conteúdo em suas aulas³.

O texto foi organizado da seguinte maneira. Inicialmente explicitamos os procedimentos metodológicos tomados à investigação. Em seguida, realizamos uma discussão teórica sobre nosso entendimento acerca da Educação e Escola, para situarmos, posteriormente, a EF na perspectiva da cultura corporal e, enfim, as atividades circenses como conteúdo da EF. Os dados foram organizados, apresentando-se um breve relato/reflexão da nossa experiência no Estágio Supervisionado, onde contextualizamos o ensino deste conteúdo na escola para em seguida aprofundarmos a discussão através de categorias fundamentadas na nossa

³As pistas que pretendemos lançar, não desconsideram a produção/reprodução de conhecimentos/saberes que muitos professores (as) constroem cotidianamente na escola. Esta pesquisa é uma humilde contribuição a todos que buscam refletir, criticamente, as práticas emergentes na EF.

práxis e respaldada em literaturas que dialogam e contribuem com o enriquecimento desta experiência. Por fim, realizamos algumas considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

Esperamos que você, caro leitor, aproveite este espetáculo. Bom *show*!

CONTEXTO E CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa é de natureza **qualitativa**, que segundo Ludke e André (1986) se caracteriza por ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados, o pesquisador como seu principal instrumento e supõe o contato direto e prolongado deste com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo. Os dados da intervenção são predominantemente descritivos, pois os materiais obtidos nessas pesquisas são ricos em descrições de pessoas, de situações, de acontecimentos e o interesse do pesquisador ao estudar determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Os estudos qualitativos permitem ainda iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.

Quanto aos objetivos essa pesquisa se caracteriza como sendo **exploratório-descritiva**. Gil (2007, p. 41) afirma que,

[...] estas pesquisas [exploratórias] têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

E continua dizendo que as

[...] pesquisas [descritivas] vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação [...] Têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população [...] Têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...] (GIL, 2007, p. 42).

Quanto aos procedimentos, aproxima-se da modalidade de investigação conhecida como **pesquisa-ação**: procura unir a pesquisa à ação ou prática, sendo uma maneira de se fazer pesquisa em situações na qual se exige o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema, buscando uma relevância prática dos resultados. Através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do processo e não apenas na etapa final do projeto. Ela é pertinente a qualquer ambiente que se caracterize por um problema, no qual estão envolvidos pessoas, tarefas e procedimentos e torna-se um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada (ENGEL, 2000). Nós estivemos envolvidos, uma vez

que atuamos na elaboração e consecução da prática com as atividades circenses na escola, bem como investigamos os limites e possibilidades da inserção de tais práticas, buscando desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática.

A produção de dados deu-se durante a intervenção pedagógica realizada pelos autores deste trabalho durante as aulas do Estágio Supervisionado III, realizado na Escola São Francisco de Assis, no município de Santa Teresa – ES.

A Escola São Francisco de Assis é um estabelecimento da rede particular de ensino da instituição franciscana e conta com um corpo docente formado por dezessete professores, corpo discente com cento e dois alunos de Ensino Fundamental (6ª a 8ª séries) e Médio (1º ao 3º anos), equipe pedagógica composta de quatro membros, sendo auxiliados por dezoito funcionários. A ESFA possui uma excelente estrutura física: biblioteca informatizada, laboratórios de informática, química, física, biologia e anatomia. Mais especificamente à EF há campo de futebol, em anexo pista de atletismo, gaiola para lançamento de disco e arremesso de peso, área para lançamento de dardo; piscina semi-olímpica (25x12, 5 m); sala de lutas com tatame; sala de dança e um espaço bem amplo com áreas construídas e naturais (bosque e até um pequeno rio que cruza toda a Instituição).

Os sujeitos da pesquisa foram: as turmas de sexta série (pequena, apenas nove alunos – três meninas e seis meninos) e oitava série (treze alunos – cinco meninas e oito meninos), a professora de EF da escola e os autores deste trabalho. As aulas ocorreram as segundas e sextas-feiras pela manhã, no período de 09 de abril a 28 de maio de 2008, perfazendo um total de sete semanas, ou seja, quatorze aulas em cada turma.

Os instrumentos à produção de dados foram as observações sistemáticas, diário de observação analítico (por aula), questionários desenvolvidos com os alunos, à professora de EF, além do registro fotográfico de algumas aulas e gravação de vídeos contemplando as aulas (ambos com o uso de máquina fotográfica digital e celular). Em relação aos questionários para os alunos, estes foram desenvolvidos ao final das quatorze aulas e os questionários à professora de EF, dois meses após a nossa intervenção.

Nosso processo de reflexão foi contínuo e deu-se durante a construção do projeto de pesquisa, na intervenção pedagógica (estágio), no desenvolvimento dos questionários (com os alunos, a professora e a diretora pedagógica), até as análises propriamente ditas.

A seguir, dialogamos com alguns autores buscando explicitar nosso entendimento sobre Educação, Escola, Educação Física e as Atividades Circenses.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLA

Ao tratar das atividades circenses como um conteúdo possível nas aulas de EF, bem como dos limites e possibilidades na inserção das mesmas, é importante discutir alguns conceitos, utilizar-se de teóricos no assunto, os quais se fazem necessários no esclarecimento e enriquecimento da pesquisa. Para tal, fazemos uma breve discussão sobre a importância da educação e dos processos a ela inerente.

A educação é parte indispensável no processo do desenvolvimento humano, pois permeia as relações sociais, econômicas, políticas e culturais dos indivíduos numa determinada sociedade.

[...] A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática [...] (LIBÂNIO, 1994, p. 22-23).

Considerando esta perspectiva, é notório pensar que a educação é um processo muito amplo, uma vez que várias instâncias da sociedade exercem a função de educar, entre as quais podemos citar a família, a igreja, o trabalho, o lazer, os meios de comunicação, mesmo que a ação educacional desenvolvida por esses grupos seja informal, no sentido de não obedecer a regras explícitas nem ser submetida a rígido controle externo. Porém, é na escola que acontece a educação formalizada (ARANHA, 1996, p. 72).

A educação e escola são termos que estão intimamente relacionados, pois o ambiente escolar nos seus tempos e espaços difunde os saberes, necessários e essenciais, construídos culturalmente pelo homem.

Sócio-historicamente a escola dos padrões de hoje, não existiu sempre assim. A escola institucionalizada, semelhante àquela que conhecemos, é uma criação burguesa do século XVI, época em que cabia à escola não só instruir, como também educar, pois era preciso um ambiente próprio para que as crianças se desenvolvessem; protegidas das más influências (ARANHA, 1996).

A educação desenvolvida na escola, portanto, é formal (organização) e contínua (processos pedagógicos). Para tanto, pressupõe, necessariamente, numa equipe pedagógica, de profissionais capacitados e especialmente preparados para o exercício de funções específicas que atenda as demandas do ambiente interno e “externo” a escola.

Acrescenta Aranha (1996, p. 75) que,

Se essa instituição torna-se indispensável como instância mediadora, estabelecendo o vínculo entre as novas gerações e a cultura acumulada, à

medida que a sociedade contemporânea se torna mais complexa a escola adquire, cada vez mais, um papel insubstituível.

Cabe destacar que a escola de hoje “[...] visa o desenvolvimento científico e cultural do povo, preparando as crianças e os jovens para a vida, para o trabalho e para a cidadania, através da educação geral, intelectual e profissional” (LIBÂNEO, 1994, p. 44).

É de suma importância salvaguardar o papel das disciplinas no ambiente escolar para o desenvolvimento dos alunos. Dentre estas, a EF possui um papel imprescindível na formação humana destes indivíduos, pois lida com as práticas pedagógicas da cultura corporal buscando democratizá-las. Além disso, pode identificar necessidades e/ou propiciar conhecimentos que permitam a este refletir e atuar, significativamente, em si e em seu entorno.

Diante desta situação, em que está mergulhada a EF, poderíamos questionar qual o papel desta disciplina e quais contribuições poderiam suscitar, a partir do desenvolvimento das práticas da cultura corporal?

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL

No ambiente escolar, assim como as outras disciplinas, a EF também se caracteriza como uma área de conhecimento e para compreendê-la é preciso considerar suas origens no contexto brasileiro e as principais influências que a caracterizaram. Vago (1997) apresenta alguns destes momentos e retrata-os: 1) a EF domadora de corpos humanos, com influências médicas e militares, fazendo-a portadora de idéias e de práticas de higienização e disciplinarização dos corpos, tanto para a ordem na escola, quanto para preparação física; 2) a EF produtora duma raça forte e energética, articulada com teorias raciais que propugnavam a melhoria da raça; 3) a EF como celeiro de atletas, submissa aos esportes de rendimento, privilegiando os mais ágeis, mais hábeis e mais aptos física e tecnicamente.

O homem durante sua vida influencia e sofre influências (moda, mídia, relações interpessoais, ambiente...), apreende valores (respeito, honestidade...), assume responsabilidades (estudo, emprego, família...) etc., apropriando-se assim, do conhecimento e da cultura que por sua vez constitui um produto da sociedade, sendo construída e vivida coletivamente, como um conjunto de códigos e símbolos edificadas e reconhecidas pelo grupo, ou um povo em determinado tempo e lugar.

De acordo Aranha (1996, p.18)

[...] a cultura é uma **criação humana**: ao tentar resolver seus problemas, o homem produz os meios para a satisfação de suas necessidades e, com isso, transforma o mundo natural e a si mesmo. Por meio do trabalho

instaura relações sociais, cria modelos de comportamento, instituições e saberes [...] (grifos nossos)

Este saber, dentro do processo de criação cultural pode ser percebido de diversas formas, como por exemplo: na cultura midiática, na cultura imagética, na cultura étnica, na cultura corporal, etc.

Aqui, nos ateremos às características da cultura corporal, fundamental para legitimação da EF na escola e respaldo para este trabalho.

A EF é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas [...] jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (SOARES et al., 1992, p. 61-62).

Segue considerando que o

[...] homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, idéias, conceitos produzidos pela consciência social [...]. Em face delas, ele desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações (SOARES et al., 1992, p. 62).

Portanto, a cultura corporal é parte integrante desta diversidade cultural construída pelo homem, a qual está incorporada à EF nos seus conteúdos, e suas formas de organização tornaram-se um importante meio para conhecê-los, entendê-los, resgatá-los e reelaborá-los, na medida do possível.

Vale ressaltar também que nas aulas de EF, no processo de ensino-aprendizagem, é preciso considerar o desenvolvimento integral dos alunos. Com efeito, deve ser um meio de oportunizar e garantir o acesso às práticas da cultura corporal, de maneira a contribuir no seu desenvolvimento, oferecendo instrumentos para que tenham capacidades de apreciá-los, refletindo criticamente sobre estes conhecimentos (BRASIL, 1998).

Então, dentro do universo da cultura corporal, entre tantos outros conhecimentos, as atividades circenses, que durante séculos vem produzindo fascínio e encantamento, são um excelente conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de EF escolar.

Na dinâmica da práxis pedagógica não seria oportuno pensar quais conteúdos da cultura corporal possibilitamos aos alunos de maneira a produzir encantamentos, fascínios e saberes? A pensar!

A seguir, discorreremos sobre as atividades circenses e as relações pertinentes aos conteúdos de ensino nas aulas de EF escolar.

ATIVIDADES CIRCENSES COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao tratarmos as artes circenses é impossível não considerarmos o contexto histórico-sócio-cultural no qual elas foram aparecendo e se organizando.

Desde os primórdios das sociedades antigas, a arte do entretenimento vem sendo desenvolvida, retratada e permeando a vida dos mais diferentes povos. Uma arte repleta de mitos, crenças e fantasias, especialmente inspirados no desconhecimento (BORTOLETO; DUPRAT, 2007, p. 173).

Diversas manifestações circenses surgiram aleatoriamente em diferentes sociedades e culturas, muitas vezes ligadas a manifestações religiosas, festivas ou de treinamento para guerra. Estes tipos de atividades promoviam possibilidades diversas que iam desde aos desafios dos próprios limites corporais às formas de oposição a ideologias vigentes, ao mesmo tempo em que se constituía numa forma de encontro e lazer à comunidade (VIVEIROS DE CASTRO apud BORTOLETO; MACHADO, 2003).

Ao longo dos anos, partes destas sociedades migraram para outras localidades. Esta migração ocorreu no próprio continente de origem e até mesmo para outros. A Europa foi o continente que mais recebeu estas culturas. Lá, estes imigrantes exibiam suas habilidades (bobos da corte, artistas de rua) como entretenimento (espetáculo), para servir as diversas classes sociais ou às vezes como meio de sustento. Em muitos lugares este tipo de espetáculo não encontrava espaços adequados, mantendo-se ao ar livre, onde foram surgindo as arenas cobertas (tenda) que com o tempo ganharam projeções, espalhando-se por todo o mundo com o predomínio dos circos móveis e dos grandes circos. Foi entre os séculos, XVIII e XIX, que o circo “apareceu” e se estruturou como arte com entidade própria, apesar de grande parte desses saberes terem sido elaborados ao longo de milhares de anos (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

O circo, conforme Soares (2005, p. 23), “[...] é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo, de todas as ‘variedades’ apresentadas pela multifacetada atuação de seus artistas”.

Esta arte do corpo espetáculo foi sempre ligada ao entretenimento, e as culturas populares influenciaram suas características, proporcionando conhecimentos, peculiaridades e perfis dos praticantes das atividades circenses e das sociedades envolvidas.

A cultura circense sofreu modificações profundas, abrindo-se às demais expressões artísticas (música, danças, teatro, teatro gestual, mímica, etc.). Este passo fundamental possibilitou à inserção e o ensino do circo em escolas especializadas, assim como já se fazia com as demais artes do corpo (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

Houve uma gradual transição entre a forma oral de transmissão dos saberes circenses e à sistematização e sua aplicação em escolas especializadas. Este fato permitiu a abertura desse universo artístico aos profissionais e estudiosos de diferentes áreas, possibilitando considerar o circo como conteúdo possível de ser desenvolvido no contexto educacional (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

O circo se abriu a diversas formas de expressão e cresceu, gradativamente, em vários ambientes.

O circo torna-se um conhecimento emergente em nossa sociedade, isto quer dizer que as atividades ligadas ao circo ressurgem em diferentes ambientes, festas, parques, boates (“baladas”), festas infantis e, ainda, como uma prática: esportivizada em academias; social em ONGs e entidades assistenciais; terapêutica m [sic] hospitais e clínicas, e: educativa em escolas (DUPRAT, 2007, p. 14).

Algumas iniciativas circenses mantiveram-se atuantes, mas sem o destaque merecido. Aos poucos estas tradições foram desenvolvendo e organizando-se, mesmo que por vezes, como objetos de consumos midiáticos. Podemos citar, por exemplo, o *Cirque du Soleil* (espetáculo que encanta a platéia e envolve várias artes, tais como: música, dança e teatro através de mega-shows).

Todas estas artes fazem parte da cultura, e sendo a escola o lugar de transmissão, reprodução e produção de saberes, conhecimentos e cultura, as atividades circenses constituem parte do patrimônio cultural da humanidade, pois as várias concepções e práticas pedagógicas relacionadas a esta área do conhecimento, bem como os conteúdos possíveis de serem trabalhados na escola foram construídos historicamente.

É necessário considerar a escola como um ambiente onde o aluno tenha a possibilidade de aprender, vivenciar e ‘saborear’, ao máximo, experiências cognitivas e motoras que sejam uma base para sua formação e possibilitem a diversificação e a significação do conhecimento tratado neste local.

Para tanto, os conteúdos de ensino tocam a experiência social da humanidade no que tange a conhecimentos e modos de ação, constituindo-se, conseqüentemente, como meios pelos quais os alunos assimilam e adquirem novas capacidades: motoras, afetivas e cognitivas.

Ao tratar dos conteúdos nas aulas EF Soares (et al., 1992, p. 64) ressalta que “[...] são conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividades corporais e à explicitação das suas significações objetivas”.

Também a este respeito diz Libâneo (1994, p. 128-129) que os conteúdos são

[...] o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente,

tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelo aluno na sua prática de vida.

Assim, as atividades circenses dentre os temas (conteúdos) da cultura corporal expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade e, além disso, visa aprender a expressão corporal como linguagem (SOARES et al., 1992).

Nestas linhas falamos da importância das atividades circenses como conteúdo da EF Escolar e dos aspectos a elas relacionados, enfatizando o que tange as aulas e o desenvolvimento desta prática. Em seguida apresentaremos nossa intervenção/investigação (estágio) de modo a situarmos o leitor no contexto onde se deu este processo.

BREVE RELATO/REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA COM ATIVIDADES CIRCENSES NA ESCOLA

Após nossa intervenção ser aprovada pela equipe pedagógica da escola, reunimo-nos com a professora de EF, onde apresentamos a proposta de intervenção, o plano de unidade (objetivos, justificativa, conteúdo programático, metodologia de ensino, recursos materiais, avaliação, referências) e os planos de aula (conteúdos, objetivos, desenvolvimento e avaliação), visando esclarecer como desenvolveríamos as aulas. Ela se mostrou muito entusiasmada e acolhedora com nossa proposta.

Enfocamos o planejamento na diversidade cultural das atividades circenses, buscando mesclar atividades malabarística, ginástica, de equilíbrio e de cordas. Visamos com estas atrair e despertar o interesse dos alunos para aulas.

Para desenvolver nosso programa de ensino com as atividades circense, nos apoiamos em Libâneo (1994, p. 29), quando esclarece que,

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos organizados sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidade, atitudes, e convicções.

Baseado nisso, planejamos e executamos as aulas, a fim de propiciar uma vivência, desde a ludicidade até os movimentos técnicos específicos, sem deixar de discutir e refletir, com os alunos, sobre o contexto sócio-histórico-cultural de cada modalidade, ao mesmo tempo em que íamos identificando os limites e as possibilidades na inserção destas atividades.

Utilizamos o espaço disponível da escola para desenvolver as aulas, especificamente a quadra de esportes, a sala de lutas e o pátio. A ESFA, como dito

anteriormente, possui uma infra-estrutura apropriada à EF e facilita o desenvolvimento das atividades circenses⁴. Os objetos necessários à prática circense foram confeccionados durante as próprias aulas pelos alunos com o nosso auxílio.

Nas aulas iniciais apresentamos as modalidades do conteúdo e o cronograma destas atividades aos alunos. Também fizemos um diagnóstico sobre o conhecimento que eles tinham a respeito das atividades circenses. Noutra momento apresentamos vídeos de atividades de circo (*Cirque du Soleil*) e eles se mostraram ainda mais interessados no circo.

No início, nos deparamos com alunos de perfis diversificados (calmos, agitados, nervosos, extrovertidos, introvertidos, às vezes violentos, cômicos, sérios etc.) que nos receberam bem e ficaram curiosos, encantados e desafiados quando revelamos esta proposta de intervenção, pois muitos deles nunca imaginaram este conteúdo dentro de sua escola.

[...] participaram bastante com perguntas, exemplos e comentários diversos. Na sua grande maioria respondendo nossos questionamentos. Comentaram que o circo se parece com a ginástica no treinamento, na flexibilidade de seus participantes/artistas. Que ambos exigem muito treino e dedicação. Alguns alunos contribuíram contando experiências pessoais com o circo. Alguns perguntaram de onde surgiu o devil stick. A grande maioria dos alunos se demonstrou empolgados para a prática e para o aprendizado, pois já queriam manipular os materiais (RELATÓRIO 1, 6ª SÉRIE, 09/04/08).

Após esta primeira percepção introduzimos os movimentos ginásticos básicos relacionando-os às atividades circenses, enfatizando as diferenças e as aproximações existentes entre estes movimentos que tratamos ludicamente e a ginástica desportiva – nestes os movimentos há a busca da perfeição (simétricos). Foram trabalhados vários movimentos: rolamento (variações: pra trás, para frente, para o lado etc.), paradas de mãos, estrela, rondada, pirâmides e saltos mortais.

Nas aulas seguintes, partimos à construção dos objetos necessários a prática malabarística. Utilizamos materiais de baixo custo e até mesmo recicláveis, o que permitiu uma abordagem do conteúdo com o um tema transversal à escola, qual seja, o meio ambiente. Vários objetos foram produzidos, tais como: lenços, bolas, aros, *devil stick*, *swing*, *swing poi*, todos utilizados no malabarismo. Estas atividades revelaram e estimularam o companheirismo, a criatividade e o engenhismo dos presentes neste processo. Pensamos que tal etapa é muito importante para os alunos, haja vista a aproximação, o envolvimento e a apropriação do conteúdo.

Continuamos as aulas, introduzindo a prática com os malabares (lenços, bolas, aros, *devil stick*, *swing*, *swing poi*). Primeiramente abordamos lenços, bolas e aros. Esta escolha das modalidades seguiu o critério de movimentos mais simples aos mais

⁴ Devemos lembrar que tais atividades podem ser desenvolvidas em qualquer escola independente da estrutura, pois são possíveis adaptações estruturais e materiais.

complexos. Iniciamos com um e fomos até três lenços e fizemos algumas brincadeiras e os desafiamos. Começamos com os lenços porque permitem o controle motor e o entendimento da mecânica dos movimentos pelos alunos, pois sua fluabilidade é maior que a das bolas e aros. Já com as bolas fomos mais técnicos devido à complexibilidade dos movimentos (cascata e circular) e porque acreditávamos que a maioria conseguiria realizá-los, pois com os lenços eles haviam conseguido, e assim podíamos ampliar os desafios. Com os aros, porém, poucos alunos conseguiram êxito. E, com isso, procuramos desenvolver atividades coletivas e recreativas que seduzissem os alunos à prática, sem descartamos o aprimoramento dos movimentos.

Nas aulas seguintes continuamos com os malabares tratando o *devil stick* e *swing/ swing poi*. Com o *devil stick* poucos alunos conseguiram compreender os movimentos básicos quando tratados de maneira mais técnica. Alguns objetos construídos, às vezes, não permitiram uma manipulação adequada. Diante disto propomos atividades lúdicas e jogos, a fim de que os alunos alcançassem sucesso. Nestes jogos e atividades lúdicas os objetos que não eram ideais à transmissão da técnica foram imprescindíveis (coloridos, um mais pesado que o outro, um construído com um tipo de material e o outro diferente, etc.). Nesta atividade destacamos a persistência e o empenho dos alunos. No trabalho com *swing/ swing poi* exploramos a criatividade dos alunos. Inicialmente, deixamos-os livres para manusear e inventar movimentos e depois transmiti-los de modo coletivo. Depois abordamos e demonstramos movimentos simples buscando estimulá-los a terem novas idéias e isto realmente aconteceu. Percebemos o desenvolvimento da criatividade e a autonomia do aluno, propiciando assim, um bom andamento da aula e a contribuição à legitimação do conteúdo.

Tratamos ainda dos equilíbrios (perna-de-pau, rola-bola, de objetos), em forma de circuito. Cada estagiário ficou responsável por uma “base” e os alunos ficaram quinze minutos em cada uma. O interesse pela atividade aumentou a cada troca de local e eles se mostraram eufóricos e estimulados a aprender mais. Mais uma vez o caráter lúdico sobressaiu-se.

Finalizamos nossa intervenção trabalhando com as cordas. Variamos as atividades utilizando-se de uma, duas, três e até quatro cordas durante as brincadeiras, fizemos também uma brincadeira: “relógio maluco”, onde girávamos a corda e eles saltaram o mais rápido possível. Ao final da aula refletimos e discutimos a intervenção num contexto geral e desenvolvemos um questionário a todos os alunos com as seguintes questões: o que você achou das aulas de educação física? Como você avalia sua participação nas aulas? As aulas atenderam suas expectativas? Você mudou sua opinião sobre a educação física, após as aulas do estágio? O que mais gostou? Você teve dificuldades? Em que teve mais dificuldades? Você aprendeu coisas novas, o quê? Você acha que as atividades circenses devem fazer parte do conteúdo da educação física?

Durante as aulas percebemos que os alunos participavam melhor das atividades quando em grupo, do contrário o interesse decaía, uma vez que tinham de se expor

mais e não possuíam muita intimidade com os movimentos e exercícios propostos. Estes movimentos e exercícios geralmente exigem coordenação motora global e fina, assim como noção espaço-temporal. Logo, muitos alunos sentiram-se desafiados, evidenciando assim o “medo de errar” ou “de não conseguir a execução”, deixando, parte destes, resistentes à prática.

Percebemos que alguns alunos estavam um pouco desestimulados, pois estavam tendo dificuldades em manusear os objetos e desenvolver as atividades individualmente. Então usamos de uma metodologia onde eles puderam trabalhar mais em conjunto, e assim se estimulavam mais na vivência dos exercícios (RELATÓRIO 11, 6ª SÉRIE, 19/05/08).

Deparamo-nos também com alunos que desafiaram os colegas, inventando ou reinventando movimentos com os objetos utilizados, criando assim novas possibilidades que até nós desconhecíamos. Na ocasião, procuramos incentivar e estimular os alunos à realização de novas formas de movimentos com os objetos, a partir das técnicas, inicialmente apresentadas.

Vale ressaltar que boa parte dos alunos desconhecia as atividades circenses. Logo, barreiras quebradas e conhecimentos adquiridos foram à síntese do estágio.

Quanto aos objetivos de nossas aulas, buscamos proporcionar aos alunos, não apenas o conjunto de técnicas, mas também a ludicidade e a coletividade que a dimensão da cultura corporal das atividades circenses nos proporciona e também gestos, valores e atitudes, tais como: respeito, solidariedade, companheirismo, criatividade, cooperação, alegria, cuidado, etc. Nossas observações apontaram que alcançamos estes objetivos dentro de nossas aulas.

Eles demonstravam muita concentração. A todo instante percebíamos também gestos de solidariedade e companheirismos na turma quando pediam materiais emprestados, trocavam materiais, ajudavam-se partilhavam suas construções (RELATÓRIO 6, 8ª SÉRIE, 30/04/08).

O processo avaliativo dos alunos deu-se através da análise de questões relacionadas à participação nas atividades durante as aulas.

A partir desta reflexão, analisaremos os dados coletados nesta intervenção com enfoque referente aos limites e as possibilidades na inserção deste conteúdo nas aulas de EF.

LIMITES E POSSIBILIDADES DAS ATIVIDADES CIRCENSES COMO CONTEÚDO DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao longo destas laudas, o leitor teve a oportunidade de entrar em contato com diversas discussões e conceitos que situaram desde Educação até as atividades

circenses nas aulas de Educação Física Escolar. Trouxemos também um breve relato/reflexão inicial sobre a inserção deste conteúdo na ESFA durante o estágio experienciado pelos autores desta pesquisa. Nas linhas que se seguem fizemos um esforço de síntese das nossas percepções e agrupamos as idéias/resultados principais, a fim de discuti-las teoricamente, comparando-as com outras experiências e reflexões que se aproximam desta temática.

Ao inserir as atividades circenses no processo de intervenção na escola, identificamos diversos limites e possibilidades relacionadas à incorporação deste conteúdo nas aulas. Verificamos situações limitantes em vários momentos e as classificaremos quanto às dimensões de conteúdo: atitudinal, procedimental e conceitual⁵.

Nos **limites conceituais** frisamos: falta de conhecimento do assunto, uma vez que não reconhecia as atividades circenses como conteúdo da EF; carência de literatura específica.

Em relação aos **limites procedimentais**, elencamos: adaptação didática para pessoas com necessidades especiais e também para alunos que não conseguiam realizar as atividades propostas; movimentos às vezes complexos; utilização correta dos materiais e a própria sistematização e organização do conteúdo num plano de ensino.

Ao tratar dos **limites atitudinais** citamos: a resistência ao conteúdo e a participação das aulas por parte de alguns alunos em determinadas atividades propostas; atrasos; dispersão durante atividades individuais; descaso com as atividades ao não trazer o material necessário às aulas; pouca motivação por parte de alguns; inibição em participar de atividades onde seus movimentos ficavam em evidência; medos; pré-conceitos.

Porém, além das limitações encontramos diversas possibilidades no ensino destas práticas, algumas pré-determinadas e outras que surgiram durante a investigação. Logo, fazemos jus apresentando-as.

Nas **possibilidades estruturais e materiais** destacamos: confeccionar os objetos, adaptar e/ou substituir os materiais já presentes na escola ao conteúdo, utilizar

⁵ Em se tratando do papel da Educação Física, os PCNs (1998) ressaltam que este deve ir além do ensinar meramente o esporte, a ginástica, a dança, os jogos, as atividades rítmicas, expressivas e os conhecimentos sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal) e também busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual). Embora esta classificação se refira às diversas dimensões do conteúdo, neste trabalho estas foram tomadas como possíveis categorias organizadoras dos diferentes limites e possibilidades encontrados, mesmo que nem sempre estejam referidos diretamente aos conteúdos.

recursos multimídia (vídeo, DVD, cd, fitas, computador etc.), a fim de aproximar a prática circense à realidade dos alunos.

Em relação às **possibilidades didático-metodológicas**, frisamos: elaborar um plano de ensino bem definido; apresentar o conteúdo a fim de cativar, estimular e incentivar a participação dos alunos; diferenciar os artistas de rua, os circos itinerantes e os mega-shows e estabelecer as diferenças entre os materiais profissionais e os confeccionados; aplicar jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem (ludicidade); incorporar os movimentos partindo dos mais simples aos mais complexos, respeitando as características e limitações individuais; procurar desenvolver a coletividade e a colaboração mútua; optar, às vezes, pela elaboração conjunta (aluno/professor: construindo e aprendendo; estimular o desenvolvimento da autonomia discente, tratar os temas transversais (meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, ética, orientação sexual e educação e trabalho)); buscar estratégias motivacionais; ter um processo ensino-aprendizagem contínuo; dialogar e refletir a prática com os alunos; envolver outras artes como teatro, música, dança etc.; propor criações e a apresentações temáticas sobre as atividades circenses.

Ao tratar das **possibilidades de aprendizagem/desenvolvimento discente** enfatizamos: a melhoria do equilíbrio corporal, da coordenação motora (fina e global), da noção espaço-temporal, da concentração, da rítmica; a vivência alegre e a expressão nas aulas; a superação de medos e individualismos; a percepção e valorização dos colegas (incentivo); o desenvolvimento da autonomia (criatividade, responsabilidade, persistência); o trato com as práticas em outros ambientes, que não a escola; o diálogo professor/aluno e aluno/aluno.

Após situarmos o leitor no contexto dos limites e das possibilidades, introduziremos os eixos/categorias de discussão dos dados, estes se deram num processo de síntese-análise-síntese do grupo.

RESISTÊNCIA DOS ALUNOS A CONTEÚDOS “INOVADORES⁶”: ATÉ ONDE?

Esta categoria é sinalizada para ressaltar que no decorrer do processo passamos por situações de resistência ao conteúdo que foram mais evidentes em dois momentos:

⁶ Estamos denominando “conteúdos inovadores”, aqueles que não são trabalhados comumente nas aulas de Educação Física Escolar (Ex: Atividades Circenses, Esporte de Aventura, Esportes com Raquete etc). Os termos: “inovador”, “práticas inovadoras”, “propostas “inovadoras” são complexos e, por vezes, polêmicos. Mazoni (2001) utiliza-os para designar as propostas político-pedagógicas que apresentam mudanças significativas na organização do trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento na escola. Portanto, consideraremos e aprofundaremos esta discussão.

a desconfiança e o receio de parte dos discentes, tipo: será que isso vai dar certo? Por que vamos estudar isso? Etc.

A resistência, de certa forma é algo comum num processo ainda desconhecido. Considerando os alunos, ela vem acompanhada de impactos e tensões, imbuída, neste caso, de pré-conceitos e limitações que de certa forma são construídos ao longo de suas vidas. A este respeito considera a professora,

“[...] as resistências ocorridas são (foram) normais, como acontece com qualquer novidade proposta. São frutos da “educação física igual à bola”, ainda presentes entre os alunos” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 5).

“[...] há a resistência dos alunos perante os novos conteúdos, principalmente este que requer maior persistência e habilidade” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 3).

Num primeiro momento, notamos esta resistência por parte de alguns alunos, pelo fato da novidade do conteúdo e também por não considerarem este tipo de atividade algo pertencente à EF. Estavam receosos!

Foram muito comuns frases dos alunos confirmando estas resistências percebidas tais como:

“[...] Porque que temos que fazer isso?”

“[...] Eu não vou ser artista!”

“[...] Nem vou trabalhar em circo!”

A falta de um repertório maior de possibilidades de conteúdos da cultura corporal pode causar descontentamentos, insatisfações e resistências. Alguma resistência a conteúdos inovadores é uma constatação não apenas neste trabalho, mas pudemos perceber que isso acontece em outros ambientes escolares. Porém, as resistências são notórias ao mesmo tempo em que existe uma predisposição da parte dos alunos para conteúdos e aulas inovadoras.

Por exemplo: uma pesquisa do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF do CEFD/UFES, realizada entre 1997 e 1998, nas escolas estaduais do Estado do Espírito Santo que visou compreender o imaginário dos estudantes referente à Educação Física, constatou que,

*“[...] Entre os alunos do 1º grau, 42,7% entendem não ser necessária nenhuma mudança, contra 57,3% que ao contrário, almejam mudanças nas aulas de Educação Física (EF). Entre os alunos de 2º grau o nível de satisfação é um pouco menor (37,3%), contra 62,7 % que estão insatisfeitos com suas aulas. **O principal objeto do descontentamento é o conteúdo (21,7%), e isto, fundamentalmente na direção de que deveria haver um leque maior de atividades** [...] Este aspecto é interessante porque indica o interesse do aluno em adquirir um amplo repertório esportivo ou dominar*

várias práticas do âmbito da cultura corporal de movimento o que é muitas vezes negado pelos professores (DIAS et al., 1999, grifos nossos).

São claras as referências a uma saturação, a um esgotamento, por parte dos educandos, do tradicional modelo esportivo (práticas repetitivas), hegemônico que, ainda hoje, gera resistências e insatisfações no interior da escola (OLIVEIRA, 1999).

Então, cabe ao professor conhecer e transmitir os conteúdos da cultura corporal, pois muitos alunos desconhecem e ficam curiosos ante a determinada atividade “inovadora”, surgindo assim, uma ótima possibilidade de legitimação desta prática nas aulas de EF. Para tal, é necessária uma preparação/formação continuada, a fim de mostrar a importância e as contribuições que tangem este conteúdo ao aluno.

Na democratização deste ensino, o professor deve ser “[...] um gerador, um difusor, um crítico de idéias. Idéias sobre a corporalidade, a organização social e política da sociedade, sobre a cultura” (OLIVEIRA, 1999, p. 127).

Nesta perspectiva, o professor e também os alunos tornam-se sujeitos do processo, pois compreendem dentro desta dinâmica os aspectos relacionados: ao saber, ao saber fazer e ao saber ser, pois fazem dos momentos vividos nas aulas artífices no processo (ação/reflexão) de protagonismo dentro de sua cultura. Quando isso acontece, os alunos deixam de ser meros participantes, sendo respeitados e autônomos, pois potencializam e acolhem os desafios advindos durante o processo de ensino e as resistências iniciais enfrentadas tornam-se momento de crescimento, tanto para si quanto para professores.

Constatamos por meio do questionário, percepções e sentimentos dos alunos a respeito do conteúdo aqui tratado. Todos afirmaram que estas atividades realmente eram difíceis, principalmente quando realizadas com os objetos: *devil stick*, argolas e perna-de-pau, pois, de certa forma, tornaram-se fatores limitantes devido à complexibilidade dos movimentos. Percebemos também que em atividades individuais, geralmente havia dispersão e desistência. Logo, para minimizarmos/sanarmos estas dificuldades desenvolvemos estratégias metodológicas⁷ em atendimento as demandas surgidas. Este caminho tornou as aulas mais divertidas e os alunos entenderam nossa proposta. Além disso, as variações e a vivência de modalidades circenses (previstas) motivaram os alunos que consideraram bom/ótimo a participação nas aulas.

⁷ Algumas estratégias metodológicas: atividades e movimentos desenvolvidos coletivamente, jogos e brincadeiras, utilização de circuito (quatro modalidades), incentivo a colaboração mútua, atenção especial aos alunos com maiores dificuldades, atividades lúdicas em detrimento à técnica perfeita, momentos de conversa e reflexão (início e final da aula), alongamento recreativo (cada aluno apresentara um exercício para executarmos coletivamente. Esta estratégia amenizava a inibição/receio dos alunos).

ESCOLA: LUGAR DE REPRODUÇÃO E PRODUÇÃO DE CULTURA

Ao tratar da escola como lugar de reprodução/produção de cultura é importante discutirmos o papel dela nesta relação e as influências que ela exerce numa determinada sociedade.

Vago (1997, p. 119) defende

[...] a escola como um lugar de produção de cultura — a cultura escolar. É com essa cultura que a escola interfere decisivamente na história cultural da sociedade, assumindo, dentre outras, uma tarefa política de participar da construção histórica de uma sociedade igualitária, justa, solidária e fraterna, sem dominação de classe, de gênero, de raça ou de etnia.

Não marginalizamos ou ignoramos as culturas já presentes na escola porque estas podem ser re-produzidas e problematizadas e é imprescindível pensarmos e fomentarmos a reflexão desta cultura escolar. Para tal, um “[...] olhar é também necessário dirigir aos sujeitos da escola [...] - os professores, os alunos, os funcionários, enfim a comunidade (num sentido que extrapola os muros escolares) – são os produtores dessa cultura [...]” (VAGO, 1997, p. 120). Logo, todos consomem e transmitem cultura. E qual a relação desta concepção de escola e a EF?

A EF poderia ser lugar de uma cultura escolar de práticas corporais lúdicas, onde os professores da área problematizariam, junto com seus alunos, as práticas corporais que os seres humanos produziram ao longo de sua história cultural: os valores atribuídos a essas práticas, seus significados socioculturais, a ética e a estética corporal que propõem. Também poderia sugerir um tempo e um espaço de criação e recriação de outras práticas corporais, singulares e peculiares àquela escola. É com esta cultura produzida na escola que a EF poderá intervir na história cultural da sociedade, transpondo os muros da escola (VAGO, 1997).

Como apresentado anteriormente nossas atividades foram permeadas por técnica-complexa x ludicidade o que se tornou um dilema, pois propomos este conteúdo também para incentivar as capacidades inventivas dos alunos e não para deixarmos nos “reféns” da técnica e complexibilidade dos movimentos.

As práticas corporais lúdicas permitem o desenvolvimento da criatividade e autonomia como observado no estágio. Os alunos que desafiaram os colegas, inventando ou reinventando movimentos nos mostraram e confirmaram novas possibilidades de movimento e variações deste conteúdo que desconhecíamos.

A EF como uma área do conhecimento que introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimento, afetos e emoções numa perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem, busca o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e da

afirmação de valores e princípios democráticos em benefício do exercício crítico da cidadania.

As manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experienciar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais (BRACHT, 2005, p. 100).

Porém, se torna impossível que a socialização deste saber seja efetuada se o professor não tiver consciência de sua responsabilidade. Não dá para improvisar os conteúdos, as formas, os caminhos e até os objetivos. A EF tem um sentido dentro da escola, que por sua vez é diferente da educação física nas academias e projetos. Ao falar de escola concomitantemente lembramos a importância do didático-pedagógico no processo de ensino/aprendizagem e da cultura.

Sobre o papel da EF, ressalta a professora de EF do campo de investigação, que

“A EF [...] é cultura corporal, e através dela desempenha seu papel social, de formar cidadãos críticos e preparados para o mundo” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 13).

Porém, esta contribuição na vida dos alunos só será possível se ele obtiver, no seu processo, possibilidades diversificadas que o coloquem em contato com as várias construções culturais sistematizadas historicamente pela humanidade. É necessário que o professor tenha em seu planejamento um leque significativo de possibilidades de vivência da cultura corporal que possam ser elemento de conhecimento e novas aprendizagens, como é e pode ser o caso da inclusão do conteúdo atividades circenses.

Sobre a importância da inclusão destas atividades, a professora pronuncia

“São atividades de expressão corporal que, assim sendo, podem incluir-se como conteúdo das aulas de Educação Física” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 1).

“São atividades de expressão corporal que trabalham valências físicas, tais como: equilíbrio, coordenação motora, flexibilidade [...]” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 4).

“Em poucas palavras, a arte circense é cultura corporal de movimento, é expressão corporal. Deste modo, é inquestionável que possa fazer parte das aulas de educação física” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 7).

Será que nos lembramos das aulas de EF as quais participamos no Ensino Fundamental e Médio. E o que lembramos? Como estas lembranças interferem na nossa maneira de compreender o sentido da educação física na escola hoje?

A EF tem um saber-fazer constituído de vivências corporais, habilidades, mas também possui um saber-fazer onde está permeado de conhecimentos de diversas ordens. Desta maneira então cabe a EF compreender e discutir os valores e significados que estão por trás das práticas corporais nas aulas (BRASIL, 2006).

Mesmo assim, é necessário considerar que,

As aulas de Educação Física não acontecem em um local abstrato. Acontecem e são realizadas por sujeitos concretos, reais, possuidores de histórias de vida e, sobretudo, de um corpo. É nessa vida real e concreta de alunos e alunas que estão as marcas que constituem suas identidades pessoais e coletivas. (BRASIL, 2006, p. 220-221).

Portanto, não basta apenas jogar, correr, saltar, brincar, dançar etc. Importa saber como estas atividades desenvolvidas durante as aulas atingem a vida dos alunos nas dimensões: atitudinal, conceitual e procedimental, pois estas favorecem a apropriação, a compreensão, a valorização, a vivência e a ressignificação de conhecimentos da cultura e da cultura corporal e confirma-os como sujeitos dentro da escola na produção e reprodução de cultura.

PRÁTICAS CORPORAIS “INOVADORAS”: POSSIBILIDADES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO ESCOLAR

O Estágio Supervisionado Escolar constitui um “laboratório” de infinitas possibilidades que vão desde a inserção de novos conteúdos até a investigação de práticas pedagógicas a fim de entender aspectos ou nuances a estas relacionadas.

Para o acadêmico/estagiário/ pesquisador é uma experiência que, se levada a sério, poderá se tornar caminhos para tomada de posicionamentos que irão nortear a trajetória profissional, concretizando os traços da autonomia pessoal, científica e profissional, construídas ao longo da vida acadêmica. Nele podemos ensaiar os primeiros passos da vida profissional presente/futura.

O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia (PIMENTA; LIMA, 2004).

Em relação à importância do Estágio, uma pesquisa realizada com discentes e docentes numa Instituição de Ensino Superior de Educação Física, no município de Ipatinga - MG apontou que 100% dos docentes afirmam que o estágio é muito importante na formação profissional do educando de Educação Física. Quanto aos discentes, houve uma igualdade nas respostas de 43%, considerando o Estágio importante ou muito importante (SOUZA; BONELA, 2007).

Destacaremos dois aspectos relacionados ao Estágio: as aprendizagens (de estagiários e professores) e a possibilidade de “testes” e “experimentações” (de estagiários e de conteúdos). Quanto às aprendizagens, permite ao estagiário: conhecer a verdadeira realidade da escola, seu funcionamento, suas características; comportar-se como referência para os alunos e aprender a relevar nas aulas o que permeia a escola (a localidade, a cultura posta) e a EF (cultura corporal).

Nas aulas da Faculdade é praticamente impossível termos a sensibilidade de entender e aprender o contexto escolar se não formos a campo. Já as aprendizagens quanto aos professores da escola onde se efetua o estágio são as trocas informações e saberes, tanto de professores para estagiários e de estagiários para professores. A este respeito à professora de EF do local onde atuamos ressaltou sobre estas trocas de experiências e conhecimentos:

“Tive noções básicas de circo e, principalmente, como ministrar este conteúdo nas aulas de educação física” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 9).

‘Têm um bom planejamento, sabem lidar com os alunos e procuram “acertar” o planejamento de acordo como andamento das aulas’ (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 10).

Um segundo aspecto se refere às possibilidades de “testes” e “experimentações”, pois o estagiário descobre qualidades e defeitos intimamente relacionados à sua prática enquanto “professor”, aprende a desenvolver melhor seu planejamento, buscar metodologias, pensar melhor as formas de avaliação com o objetivo de melhorar a prática pedagógica. Observamos o estágio como uma forma de valorização e experimentação de conteúdos emergentes nas aulas de EF escolar, tais como: Atividades Circenses, Esportes de Aventura, Esportes de Raquete e Lutas. Mas é necessário arriscar, experimentar, criar utopias... Sonhar.

Quando nos decidimos a investigar os limites e possibilidades da inserção das atividades circenses nas aulas de EF, o fizemos por: 1. Percebemos a importância da vivência de outros conteúdos da cultura corporal; 2. Ser uma oportunidade de oferecermos aos alunos a vivência de outras atividades pertinentes à EF; 3. Permitir a vivência da alegria e infinitas reflexões sobre as atividades circenses, pois os conhecimentos/saberes são produzidos, reproduzidos, desenvolvidos e transmitidos; 4. Estimular os alunos, principalmente os excluídos ou os que se excluem. Portanto,

[...] a persistência é a principal contribuição deste conteúdo. Mostra aos alunos que eles são capazes. Que devem rever os conceitos de: “eu não consigo”, e transformá-los em “se eu insistir, posso conseguir” (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 6).

Portanto, o Estágio possibilita a oportunidade de estudar, não só a prática de outrem, mas também a própria prática, de forma que se possa ressaltar as qualidades e melhorar as deficiências detectadas no processo. Dessa forma nos tornamos críticos

e estudiosos de nosso próprio processo, a fim de sermos melhores em nossa profissão.

‘As aulas foram excelentes, muito bem ministradas. E tenho certeza que o tempo e o contato com as aulas, quando formados, darão as “manhas” e o “jogo de cintura” necessários a prática docente’ (QUESTIONÁRIO PROFESSORA DE EF-QUESTÃO 14).

A intervenção na escola, através do estágio, permite varias opiniões e diferentes ângulos de visão ou percepção (equipe pedagógica, professora, alunos e estagiários), o que torna a prática significativa, aumentando às possibilidades de reflexão, análise e síntese dos sujeitos do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso queremos ressaltar primeiramente as contribuições de nossa intervenção no ambiente escolar. Percebemos o estágio como uma relação mútua, aonde o estagiário e o professor cooperante do estágio vão se beneficiando. O acadêmico precisa da escola, mas ao mesmo tempo tem um papel importante na contribuição, enquanto universitário, para esta escola, uma vez que assume funções práticas que poderão desembocar em possibilidades de mudanças, hábitos e costumes. Foi neste ambiente de investigação que concluímos nossas percepções em relação á inserção das atividades circenses como conteúdo nas aulas de EF, bem como seus limites e possibilidades.

Mesmo em meio a limites descobrimos que há possibilidade de incorporá-las como conteúdo nas aulas de Educação Física, pois constituem parte integrante da cultura corporal, vindo como oportunidade de debater, democratizar e acrescentar outros novos conteúdos.

Sendo as atividades circenses parte da cultura, e conseqüentemente da cultura corporal do movimento, afirmamos que tais práticas são pertinentes nas aulas de EF escolar, pois este espaço é um ambiente cultural privilegiado da transmissão do saber.

Descobrimos que a inserção deste conteúdo esbarra em alguns limites. Porém podem ser superados com: “força de vontade”, persistência e criatividade por parte do professor.

Em relação às possibilidades podemos constatar diversos caminhos que foram ora previstos, ora encontrados, ora construídos de acordo com as necessidades e demandas. As maiores contribuições deste conteúdo estão relacionadas: abertura dos alunos em acolher outras práticas da cultura corporal, se proporcionadas; o professor é um agente desafiador que desestabiliza o aluno tornando-o sujeito de

sua própria; a necessidade de dar espaço para a alegria e a ludicidade nas aulas; o desenvolvimento da criatividade; percepção do professor como um mediador deste processo e não como um possuidor do conhecimento e também as possibilidades de relacionar este conteúdo a temáticas transversais e a interdisciplinaridade.

Nossa pesquisa pode contribuir à prática dos professores de EF na dinamização e no desenvolvimento dos conteúdos (referente aos desafios e possibilidades) em relação ao ensino das atividades circenses na escola. No que tange a discussão das características e aplicação deste conteúdo no âmbito educativo, cremos ser tarefa do professor de EF oportunizar e buscar meios para o seu desenvolvimento.

Percebemos que o desenvolvimento de tais atividades traz inúmeras possibilidades de conteúdos a serem vivenciados pelos alunos que os tocam através das dimensões da aprendizagem nos aspectos estruturais e materiais, didático-metodológico e aprendizagem/desenvolvimento discente.

Esta pesquisa, além de proporcionar o estudo e aplicação deste conteúdo também é uma oportunidade de ampliar e democratizar outros conteúdos que fazem parte da cultura corporal e que muitas vezes não são desenvolvidos em nossas práticas pedagógicas.

No processo histórico de auto-afirmação pelo qual passa a EF, precisamos fazer dos tempos e espaços de nossas aulas momentos de criação, alegria, afetividade, expressão corporal, conhecimento, lugar de formação de sujeitos autônomos, conscientes de sua contribuição dentro do ambiente em que está inserido. Ao oportunizar outros conteúdos, as atividades circenses, por exemplo, não estamos apenas vivenciando uma nova prática, mas também democratizando o acesso a outras riquezas construídas histórica e culturalmente pelo homem. Entrar em contato com estes conteúdos poderá proporcionar uma reflexão sobre o tipo de homem e sociedade de ontem, de hoje e de que como queremos que seja amanhã.

Esperamos que tenham gostado do *show!* Voltem sempre ao espetáculo! Prestigiem as atividades circenses sempre que tiverem oportunidade!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007. Disponível em:

<<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/63/71>>. Acesso em: 10 maio 2008.

_____; MACHADO, Gustavo de Arruda. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**. Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003.

BRACHT, Valter. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: SOUZA JUNIOR, Marcílio (org.). **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006. v 1, p. 211-239. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 15 maio 2008.

DIAS, Andréia et al. Diagnóstico da educação física escolar no estado do Espírito Santo condições e comportamentos: o imaginário social dos alunos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. Disponível em: <<http://www.cefd.ufes.br/lesef/>>. Acesso em: 13 nov. 2007.

DUPRAT, Rodrigo. Mallet. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000410431>>. Acesso em: 13 maio 2008.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 16. p. 181-191, 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf>. Acesso em: 12 set. 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAZONI, Anna Rachel. A educação física no contexto de um projeto pedagógico inovador: o caso da escola plural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO

ESPORTE, 12., 2001, Caxambu. Sociedade, ciência e ética: desafios para a educação física/ciências do esporte. **Anais...** Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/?canal=12&file=1315>>. Acesso em: 09 nov. 2008.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica? **Revista pensar a prática**, Goiânia, v. 2, p. 119-135, 1999. FEF/UFG. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/152/138>>. Acesso em: 12 de out. 2008.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In: _____. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 33-57. (Coleção Docência em formação. Série saberes pedagógicos).

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA; Jânua Coely Andrade; BONELA, Luciane Aparecida. A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente. **Revista Movimento**, Ipatinga, v. 2., n. 2. ago./dez. 2006. Unileste. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/movimentum/index_arquivos/movimentum_V2_N2_souza_janua_luciane_bonela_2_2006.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2008.

VAGO, Tarcísio Mauro. Rumos da educação física escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2., 1997, Niterói. **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de Educação Física e Desportos, 1997. p. 113-122. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/?canal=12&file=14>>. Acesso em: 13 de set. 2008.